

**A COBERTURA E O DESLIZAMENTO DA NARRATIVA EM**

**"UMA HISTÓRIA SEVERINA”, DE ELIANE BRUM[[1]](#footnote-1)**

**Cíntia Charlene da Silva[[2]](#footnote-2);**

**Marcos Paulo de Araújo Barros[[3]](#footnote-3)**

**RESUMO**

Pretende-se neste artigo, em um primeiro momento, analisar o deslizamento da narrativa do documentário "Uma história Severina" que volta a ser abordada, oito anos depois, por Eliane Brum, em sua coluna " Chega de torturar as mulheres", publicada no site da revista *Época*. E, em segundo momento, verificar como a história da personagem é usada por vários meios de comunicação antes e depois da decisão do STF, sobre a descriminalização do aborto em caso de anencefalia, em abril de 2012. Para contextualizar a notícia que estava no agendamento do país, o dilema enfrentado por Severina, em 2004, é usado pela mídia para representar as mulheres que viviam a mesma realidade. Severina transforma-se, assim, em uma alegoria nas narrativas contadas pelos veículos.

**Palavras-chave:** Anencéfalo; STF; Severina; tortura; documentário; aborto.

**A história oficial e as vozes marginalizadas**

Por meio de uma escrita singular, Eliane Brum - repórter mais premiada do país de acordo com o Portal dos Jornalistas[[4]](#footnote-4) - utiliza uma linguagem que transpõe o mundo das palavras, em que tudo que é dito é tão importante quanto aquilo que não o é. Assim, o silêncio pode falar mais do que as palavras. A narrativa de Brum é contada por uma linguagem que é transcrita por uma escuta que se faz como todos os sentidos, permeadas por cheiros, gostos, texturas, silêncios, hesitações, tudo que pode compor o universo daquele que conta sua história à jornalista. Para Luiz Gonzaga Motta (2013), a narrativa jornalística é um jogo permanente entre os "efeitos de real" e outros "efeitos de sentido”, que envolvem elementos como: a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, dentre outros, podendo ser mais ou menos intensificados pela linguagem dramáticas das notícias.

Em três décadas de ofício, a "escutadeira que gosta de escrever", como ela mesma se define, aperfeiçoa a cada reportagem seu dom de escuta para acessar o mundo do outro e enxergar realidades que vão na contramão das histórias ditas como oficiais ou retratadas de maneira óbvia ou premeditada. "Reportagem para Eliane, é um ato de entrega, de envolvimento intenso entre quem fala e quem escuta, por meio de uma relação preciosa de confiança mútua entre repórter e personagem", afirma o jornalista Caco Barcellos, no prefácio do livro da escritora "O olho da rua” - obra publicada pela Editora Globo, em 2008, e relançada pela Arquipélago Editorial, em 2017.

Diante disso, Brum afirma que escreve porque "acredita no poder da narrativa da vida em transformar a própria vida. E acredito mais ainda no poder de transtorná-la." (BRUM, 2013, p.18). Assim, é a partir das dúvidas e dos incômodos que somos capazes de acessar outros mundos que não os nossos, nas realidades contadas pela escritora.

Eliane Brum foi colunista da *Revista Época* de 2009 a 2013. Nesse período, publicou 234 crônicas e artigos de opinião, uma a cada segunda-feira. Toda sua produção encontra-se disponível em seu site.[[5]](#footnote-5) Entre os temas abordados estão: o perigo da história única, a medicalização da vida, a ditadura da felicidade, o relacionamento entre pais e filhos mediado pelo consumo, a dificuldade de nossa época com as marcas físicas e psíquicas, o envelhecimento e a morte. Além disso, ela aborda ainda questões sobre memórias, política e questões socioambientais. Em especial, chamam a atenção as reportagens sobre a Amazônia e os direitos das mulheres, principalmente a questão do aborto, o estupro e os diversos tipos de violências a que são expostas. "Gosto de circular por vários mundos - especialmente pelas bordas. As concretas, literais - e as subjetivas. (BRUM, 2013, p.13). Assim, a obra de Brum não se limita a apenas um campo como, por exemplo, os direitos humanos. Ela extrapola todas as fronteiras. Trata-se de uma repórter de "desacontecimentos".

A carne da minha reportagem são os "desacontecimentos", palavra que dá conta de uma escolha: escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender esta narrativa, busco subverter o foco, embaralhando os conceitos de centro e periferia." (BRUM, 2013. p. 13)

Em suas narrativas, Brum dá voz a histórias que, talvez, não teriam espaço na grande imprensa. Michael Pollak (1989) caracteriza como "memória subterrânea" aquela em que os sujeitos marginalizados são colocados de fora da história oficial.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial, no caso da memória nacional." (POLLAK, 1989, p. 4)

A repórter beneficia-se de uma fortuna crítica dos Estudos Culturais, de 1960, que faz um resgate de vozes marginais. Naquele século, até então, a versão oficial dos fatos era contada pelos detentores da memória, que levam em conta apenas uma maneira particular de relatar o que deverá ser lembrando pela sociedade. O historiador Edward Thompson (1966) trouxe uma notável contribuição ao publicar, em 1966, um artigo sobre “The History from Below”, na *The Times Literary Supplement*. O conceito que pode ser traduzido como a história "vista de baixo" sustentava que a história oficial deveria ser contada não apenas levando em consideração os "grandes fatos" e a versão dos heróis, mas também o relato negligenciado de outros segmentos da sociedade excluídos do contexto social. Essa nova abordagem contribuiu para a expansão dos estudos da história daqueles cujas experiências haviam sido até então omitidos pela historiografia tradicional.

Nas colunas da revista, que se transformaram na obra "a menina quebrada" (Arquipélago, 2013) - condecorada com o Prêmio Açorianos de Melhor Livro de 2013 - a jornalista questiona-se sobre qual tipo de colunista ela é. "Neste livro - e só percebi isso agora, ao fazer uma seleção das colunas que entrariam - eu faço um percurso de identidade. É uma linha invisível, não proclamada, que o leitor pode perceber ou não, se interessar ou não." (BRUM, 2013, p.14).

Ainda que tenha começado a escrever para o site da revista de maneira resistente ao novo formato, após um convite do diretor de redação Hélio Gurovitz, Eliane viu a internet como uma maneira de desacomodar o leitor, oferecendo a ele realidades que pudessem ser vistas por outros ângulos. Além de ser para ela uma oportunidade de atravessar para o mundo fluido e sem fronteiras da rede. Assim, a partir da experiência iniciada pelas colunas de opinião na revista, a jornalista faz deslizamentos de suas narrativas de um meio para o outro. Para a professora Vera Lúcia Follain de Figueiredo (2010), esse processo merece uma atenção especial, já que trata-se de um "processo contínuo de reciclagem das intrigas ficcionais, recriadas para circular por diferentes plataformas". (FIGUEIREDO, 2010, p. 11).

Disto isto, as colunas de Brum, que antes se limitavam apenas à revista, migram para a internet e, posteriormente, para o livro. "É bastante interessante que este livro seja publicado primeiro em papel, levando para o concreto minhas palavras que antes navegavam apenas no mundo impalpável da internet." (BRUM, 2013, p. 17). Assim, por meio de plataformas distintas, Brum consegue alcançar novas vozes.

**Deslizamento das narrativas**

Um dos projetos políticos defendidos por Eliane Brum são as questões relacionadas ao sexo feminino. Em sua coluna denuncia os abusos físicos, psicológicos e mentais, além da violação do corpo e da alma de mulheres que, constantemente, são torturadas e agredidas pelos valores hipócritas da sociedade. Vale destacar a coluna sobre a vagina, “órgão feminino que ameaça tanto a sociedade”, como ela mesma descreve. Assim, a jornalista promove uma reflexão sobre o papel da mulher, suas omissões e o controle de seus corpos e sua sexualidade.

Em sua coluna "Chega de torturar mulheres[[6]](#footnote-6)" - objeto deste estudo, publicada no dia 9 de abril de 2012, no site da *Revista Época*, e, posteriormente, no livro - a jornalista discorre sobre a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que irá julgar a permissão do aborto de anencéfalos. Além de fazer suas considerações sobre o caso, a repórter traz, em um segundo momento da reportagem, a história de Severina, agricultora pernambucana, pobre e analfabeta, que, grávida de um feto sem cérebro, tem sua vida revirada pela decisão dos ministros do STF. Um deles, ao fazer o uso da palavra antes da votação, ocorrida no dia 20 de outubro de 2004, disse: “Mas quem são essas mulheres? A gente nem sabe se elas existem”. A jornalista mostra quem são essas mulheres torturadas pela justiça.

Assim, a longa saga de Severina Maria Leôncio Ferreira é contada no documentário "Uma História Severina"[[7]](#footnote-7) (2005). No mesmo ano, uma cópia do vídeo foi enviada a todos os ministros da Corte Suprema. O curta narra o calvário da moradora da cidade de Chã Grande, interior de Pernambuco, que tenta interromper sua gravidez com a permissão da justiça. No dia 20 de outubro de 2004, no mesmo momento em que o STF derrubava a liminar que permitia o aborto de feto anencéfalo sem autorização judicial, Severina internava-se em uma maternidade do Recife para interromper a gestação que já estava no quarto mês. No entanto, como mostra o documentário, o médico decidiu deixar o procedimento para o dia seguinte, o que seria tarde demais. Com a decisão do Supremo, Severina teve de deixar o hospital e dar início a uma peregrinação para conseguir a autorização da Justiça e ter sua vontade respeitada. Ela e o marido Rosivaldo, ambos plantadores de brócolis, analfabetos e com dificuldades para entender a Justiça feita por e para os letrados, depois de idas e vindas, conseguiram autorização para interromper a gravidez depois de três meses de sofrimento e angústia. Com sete meses de gestação, no dia 12 de janeiro de 2005, depois de suportar mais de 30 horas de trabalho de parto, Severina deu à luz ao filho já condenado. A mãe foi obrigada a conviver com a dor de gerar um bebê, que logo após o nascimento teria que enterrá-lo. Em vez de um berço, Severina foi obrigada a colocar o filho em um caixão.

A temática do documentário, veiculado em 2005, é retomada em 2012 pela repórter para falar sobre a votação do STF, que volta a debater sobre a descriminalização do aborto em caso de anencefalia. Essa retomada mostra um deslizamento da narrativa que passa do meio audiovisual, a tela do documentário, para o ambiente da rede, a coluna na internet. Assim, a história de Severina retratada no curta volta a ser lembrada na reportagem da revista. Esse deslizamento de narrativas que ocorre entre os meios e suportes, assim como o diálogo que acontece entre os campos de produção cultural não são tão novos, mas foram intensificados com as tecnologias digitais, como aponta Figueiredo (2010).

Dito isto, Brum afirma que a matéria publicada no site da revista, oito anos depois da tortura sofrida por Severina, dá a chance ao Supremo "de estancar – com atraso – uma violação sistemática dos direitos humanos causada por um vácuo na lei, que, além de desamparar as brasileiras mais frágeis em um momento dificílimo da vida, as condena à tortura.” Na época, Eliane acompanhava o percurso de mulheres como Severina há quase dez anos. Para ela, cabe à mulher o direito de decidir pela vida que gesta. Trata-se do seu corpo. Só ela é capaz de mensurar sua dor e decidir qual é a melhor escolha para si.

Impedir uma mulher de interromper a gestação de um feto incompatível com a vida, se ela assim o desejar, é condená-la à tortura. Assim como também seria tortura obrigar uma mulher a interromper essa mesma gestação se ela desejar levá-la até o fim porque, por crença religiosa ou qualquer outro motivo, encontra sentido nesse sofrimento[[8]](#footnote-8).

Eliane fala sobre os diversos grupos, entre eles feministas e religiosos, que condenam as mulheres que desejam interromper a gravidez em caso de anencefalia e exaltam aquelas que levam a gestação até o final como se fossem uma espécie de heroína. Mas, “tudo não passa de uma grande mentira”, afirma a jornalista, que defende que ambas devem ser respeitadas por suas decisões, independentemente, de quais forem. "Nunca cometi a indignidade de julgar uma mulher que decide levar uma gestação de anencéfalo até o fim. O sentido só pertence a ela – e aqueles que a julgarem extrapolam limites de humanidade", afirma a repórter.

Na coluna, a jornalista, que acompanhou Severina quando a decisão do Supremo a proibiu de retirar o filho, conta outros episódios que tornam a história ainda mais cruel. Um deles, o sofrimento de Severina de imaginar como era a cabeça do filho dentro dela. Naquele momento, como afirma Brum, a mãe que desejava tanto o segundo filho apegava-se a um medo e a uma esperança. O medo de machucar, com algum movimento mais brusco, a cabeça do bebê que faltava uma parte, conforme o médico havia mostrado na ultrassonografia. E a esperança de que algo mágico acontecesse dentro dela, e a cabeça do bebê fosse reconstituída. “Eu sei que não pode ser, o médico disse que não acontece, mas será que ...?”, confessava Severina de maneira tímida e envergonhada à repórter.

O casal ainda passaria por grandes tormentas conforme relata Brum. Enquanto aguardavam a decisão judicial, o marido de Severina, Rosivaldo, enfrentava a curiosidade do povo na feira onde vendia seus pés de brócolis. "Já se espalhara na pequena comunidade que ele era “o pai do bebê sem cabeça.” Rosivaldo era reconhecido como o “pai do monstro”. Diante de tal situação, Brum conta que ele se segurava para não responder com violência.

Mas a brutalidade ainda seria pior quando Severina precisou reunir forças para providenciar a roupa com que o filho seria sepultado.  "O ato transformou-se numa violência muito maior do que já era – uma violência que me faltou repertório para prever", declara a jornalista. Severina queria uma roupinha com capuz para que a cabeça do bebê ficasse protegida dos olhares curiosos no enterro. Ela teve dificuldade em achar a roupa. Então, precisou percorrer várias lojas e, ao perceber o estranhamento dos vendedores diante do pedido da roupa com capuz, dado o clima da região, a mãe precisou explicar que o filho não iria sobreviver. "Prometi, então, que depois que ela fosse internada, eu procuraria por ela. Encontrei no dia seguinte, em um shopping, uma roupinha branca com uma touca que ela ficou acariciando no hospital com os olhos afogados", afirma Brum na reportagem.

Na maternidade, Severina suportou mais de 30 horas de trabalho de parto. Brum relata que, quando ela não tinha mais posição, arrastava-se até o corredor do hospital, onde seria inevitável seu encontro com as mães que celebram com seus bebês no colo. "Nesses momentos, os olhos de Severina gritavam uma dor que eu nunca vi no olhar de outro ser humano. Se a tortura de Severina fosse resumida em uma só cena, seria aquele olhar. Aquele olhar que palavras são insuficientes para descrever", confessa Eliane.

Quase oito anos depois da tortura sofrida por Severina, o Supremo Tribunal Federal votou de maneira favorável, no dia 12 de abril de 2012, a descriminalização do aborto, por oito votos a dois e uma abstenção. A matéria em análise aguardava julgamento desde 2004, quando a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Saúde (CNTS), em parceria com a ONG Anis - Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, ajuizou uma ação pedindo a legalização do aborto no caso de anencefalia. A justificativa é que existe ofensa à dignidade humana da mãe, uma vez que ela é obrigada a carregar na barriga um feto que não terá condições de sobreviver após o nascimento.

**A cobertura da imprensa e a alegorização de Severina**

Para Motta (2013), as narrativas são representações, construções discursivas sobre a realidade humana. "São representações mentais linguisticamente organizadas a partir de nossas experiências de vida. Sejam elas fictícias ou fáticas, são sempre construções de sentido sobre o mundo real ou imaginado." (MOTTA, 2013, p. 83)

Ao contar uma história, o jornalista utiliza uma multiplicidade de vozes para dar ao leitor informações suficientes para interpretar o fato e formar sua opinião sobre o assunto. Motta (2013) afirma que as reportagens jornalísticas são assim polifônicas: "várias histórias se entretecem em uma única reportagem ou sequência de reportagens sobre determinado ponto de vista e visões de mundo decorrentes dos diversos interesses que nela interferem e das sutis negociações que têm curso em sua produção."(MOTTA, 2013, 221). Para ele, nenhuma narrativa é ingênua.

A decisão do STF, notícia que estava no agendamento no país, causou grande repercussão sobre o tema. Inúmeras matérias foram publicadas. Algumas delas trouxeram à tona a história de Severina contada no documentário codirigido por Eliane Brum. A mulher, que lutou para que sua gravidez fosse interrompida depois de receber o diagnóstico de que seu bebê não teria condições de sobreviver, passou a ser usada como uma alegoria ao ser citada por várias matérias jornalísticas.

Alegoricamente, Severina passa a representar todas as mulheres que passaram pelo mesmo dilema. Ainda que a linguagem jornalística utilize elementos da literatura na construção de suas histórias, Severina não é um personagem da ficção, mas um ser de carne e osso. Assim, a partir da cobertura do julgamento da Corte sobre o caso de anencéfalos, Severina tem sua vida contada em inúmeros veículos de comunicação antes e depois da decisão do Supremo. Para Motta (2013), todo personagem representa um ser humano.

Na semana do julgamento, ocorrido nos dias 11 e 12 de abril, vários veículos publicaram matérias sobre a temática. O site brasil247[[9]](#footnote-9) traz em sua manchete o título: "STF promete julgar caso de anencéfalos neste ano". Logo abaixo, é exibida a foto de Severina e uma imagem do casal em formato de xilogravura, usada no documentário. A história de Severina é relembrada de forma breve, e os leitores são convidados a acessarem o documentário. O texto traz falas dos ministros que possuem posicionamentos divergentes sobre o caso. A matéria conta ainda com depoimentos de magistrados, que, na falta do STF, autorizam mulheres com o diagnóstico de anencefalia a interromperem a gravidez. A matéria foi veiculada no dia 5 de janeiro de 2012.

No dia 7 de abril, a antropóloga e codiretora do documentário, Debora Diniz, escreve uma matéria para o site do jornal Estadão[[10]](#footnote-10), contando a via crucis realizada por Severina. Ao final do texto, ela conta que a mãe torturada pela justiça sairá pela primeira vez de Pernambuco só para acompanhar a votação na Corte Suprema. "Severina estará na primeira fileira de um dos julgamentos mais longos da história do STF. Ela quer ouvir, ver e sentir a abstração do poder. Quer se exibir como uma história encarnada de uma dor", afirma Diniz. Severina representa o retrato da mulher que há oito anos viveu na pele a sentença do Supremo. A antropóloga ainda completa: "Severina não falará aos ministros, mas sua presença descreverá uma existência que a abstração da lei acredita poder ignorar."

Seguindo a mesma linha, às vésperas da votação, o site *O Globo*[[11]](#footnote-11) traz em sua matéria "Grávida de feto anencéfalo enfrentou longa batalha judicial" detalhes sobre a viagem de Severina a Brasília. Abaixo da manchete, uma foto de Severina com o marido Rosivaldo e o filho Valmir, de 11 anos, chama a atenção. Mesmo com medo de andar de avião, Severina quer fazer a viagem. A matéria conta ainda como Severina sentiu-se ao ver o filho: "A gente vê na ultrassonografia, mas, quando vê de verdade, a dor é maior", confessa.

O site C*arta Potiguar*[[12]](#footnote-12)*,* na reportagem "Direito das mulheres à interrupção de gestação de fetos anencéfalos", destaca a importância dessa conquista para as mulheres. "Talvez desde a aprovação da Lei Maria da Penha, em 2006, as mulheres brasileiras não tenham tido reconhecimento de direito tão relevante para a garantia dos direitos humanos no país." A matéria faz menção à Severina e ao documentário, cujo link é disponibilizado ao leitor.

Anos mais tarde, após a decisão do Supremo, a história de Severina continua ecoando. O site *Catraca Livre*[[13]](#footnote-13) traz novamente o dilema enfrentado pela agricultora de Pernambuco. Na manchete: "“Uma História Severina”: documentário retrata o impacto da criminalização do aborto na vida de uma mulher". A matéria traz ainda o vídeo do documentário disponibilizado na íntegra. Posteriormente, em sua coluna no *El País*,[[14]](#footnote-14) Eliane Brum também cita Severina na matéria "Os 18 vendilhões” ao falar sobre o aborto, estupro, direitos da mulher e o posicionamento dos políticos na Câmara e no Senado diante do caso.

Disto isto, fica claro na cobertura das reportagens que há uma humanização da matéria a partir do momento em que a história vivida por Severina é contada. Na atividade jornalística, a humanização do relato aproxima o leitor da realidade narrada. Há um processo de identificação e empatia. Segundo Motta, "a personagem jornalística, historiográfica ou biografada guarda uma relação estreita com a pessoa, com o ser real objeto da narração." (2013, p. 193). Assim, a agricultora assumiu o papel de personagem da narrativa, passando a ser um prova concreta da omissão da Justiça, que sequer conseguia imaginar que existiam mulheres como Severina, como confessou um dos ministros antes de votar, em 2004. De fato elas existem, e, até que a lei as enxergassem, muitas mulheres foram torturadas pela omissão do Estado, conforme demonstram outras reportagens.

Vale destacar ainda na cobertura dos jornais a linguagem empregada pelos veículos. O dilema enfrentado por Severina reproduzido nas matérias deu à narrativa um tom ainda mais dramático sobre a realidade. Segundo Motta, o uso de recursos linguísticos e extralinguísticos remetem os receptores a estados de espírito catárticos. "Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas", afirma. Para ele, as próprias manchetes, intencionalmente ou não, provocam nos leitores diversos efeitos de sentido emocionais. Essas características também podem ser vistas na escolha das fotos, como por exemplo, na reportagem do site *O globo*, que traz uma foto em destaque de Severina junto com o filho e o marido.

**Considerações finais**

A análise proposta pelo artigo demonstra como um personagem pode conferir um caráter diferencial à narrativa, aproximando o fato narrado da realidade do outro. "Os acontecimentos relatados pelas narrativas (realistas ou imaginárias) são *performatizados* por personagens, atores que representam seres humanos concretos ou imaginários, e realizam coisas que os humanos também realizam.” (MOTTA, 2013, p. 72). No caso do jornalismo, podemos inferir que a personagem representa uma pessoa com existência real. De acordo com Motta, "a pessoa real é sempre irredutível às narrativas que se contam a seu respeito." (MOTTA, 2013, p. 195). Assim, utilizando ainda os conceitos do autor, percebe-se como estratégia narrativa a humanização do relato utilizado pela jornalista para contar a história, aproximando, então, a realidade da personagem e causando empatia com o leitor

Disto isto, a partir da divulgação da história de Severina, a lei, que até então era abstrata segundo o entendimento dos ministros do STF que desconheciam a existência de mulheres como Severina, torna sua presença concreta. Uma mulher de carne e osso, torturada pela omissão do Estado, passa a representar a luta de inúmeras mulheres que sofreram com o mesmo dilema. Graças ao documentário, Severina tornou-se conhecida, sua história passou a ecoar, e sua realidade foi contada por inúmeros veículos de comunicação na cobertura sobre a decisão do STF. Houve uma humanização das reportagens a partir do testemunho concedido pela agricultora à mídia.

Eliane Brum conta o dilema de Severina com maestria e oferece ao leitor todos os elementos para que ele mesmo interprete os fatos e chegue a uma conclusão própria. Ao realizar o deslizamento de sua narrativa do meio audiovisual para a coluna da revista, a repórter oferece ainda outros acontecimentos vivenciados ao lado de Severina na matéria que antecedia a votação. Os detalhes tornaram a história ainda mais cruel, mostrando uma violência ainda maior sofrida pela agricultora durante sua via crucis para interromper a gestação. O presente artigo é apenas um recorte e, por isso, não pretende esgotar todas as discussões propostas por Eliane Brum ou pela cobertura midiática sobre o fato.

**Bibliografia**

BRUM, Eliane. **O olho da rua. Uma repórter em busca da literatura da vida real**. 2ª Ed rev. e ampl. – Porto Alegre: Arquipelágo Editorial, 2017.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **a menina quebrada e outras colunas**. – Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Uma introdução aos estudos culturais**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 9, dezembro 1998

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Narrativas Migrantes: Literatura, Roteiro e Cinema**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio: 7Letras, 2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Tradução Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p. 3-15

**Sites acessados**

**Biografia.**

Disponível em: <http://elianebrum.com/biografia/> Acesso em: 20 de julho de 2018

**Os 18 vendilhões**

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/20/opinion/1511192636\_952720.html >Acesso em: 20 de julho de 2018

**Chega de torturar as mulheres**

Disponível em: < http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/04/chega-de-torturar-mulheres.html >Acesso em: 20 de julho de 2018

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 2: Jornalismo de dados e independente do XI Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, na linha de Competência Midiática, Estética e Temporalidade. Membro do Grupo de Pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias. E-mail: cintiacharlene@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. E-mail: mp.araujo2018@gmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Eliane Brum isola-se na liderança entre os +Premiados da História. Disponível em: <http://www.portaldosjornalistas.com.br/eliane-brum-isola-se-na-lideranca-entre-os-premiados-da-historia/> Acessado em: 03 de agosto de 2018 [↑](#footnote-ref-4)
5. Disponível em :< http://elianebrum.com/colunas/> Acessado em: 03 de agosto de 2018 [↑](#footnote-ref-5)
6. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/04/chega-de-torturar-mulheres.html> Acessado em: 02 de agosto de 2018. [↑](#footnote-ref-6)
7. O documentário co-dirigido por Eliane Brum em parceria com Debora Diniz é produzido pela Imagens Livres, do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero (Anis). [↑](#footnote-ref-7)
8. Disponível em: < http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/04/chega-de-torturar-mulheres.html >Acesso em: 20 de julho de 2018 [↑](#footnote-ref-8)
9. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/247/brasil/33896/STF-promete-julgar-caso-de-anenc%C3%A9falos-neste-ano-feto-anenc%C3%A9falo-supremo-tribunal-federal-julgamento-uma-hist%C3%B3ria-severina.htm>> Acessado em: 04 de agosto de 2018. [↑](#footnote-ref-9)
10. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,uma-historia-severina,858398> Acessado em: 04 de agosto de 2018. [↑](#footnote-ref-10)
11. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/gravida-de-feto-anencefalo-enfrentou-longa-batalha-judicial-4534409> Acessado em: 04 de agosto de 2018. [↑](#footnote-ref-11)
12. Disponível em: <http://www.cartapotiguar.com.br/2012/04/12/direito-das-mulheres-a-interrupcao-de-gestacao-de-fetos-anencefalos/> Acessado em: 04 de agosto de 2018. [↑](#footnote-ref-12)
13. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/criatividade/uma-historia-severina-doc-retrata-o-impacto-da-criminalizacao-do-aborto-na-vida-de-uma-mulher/> Acessado em: 04 de agosto de 2018. [↑](#footnote-ref-13)
14. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/20/opinion/1511192636\_952720.html> Acessado em: 04 de agosto de 2018. [↑](#footnote-ref-14)